

O Povo e a Farda

Rubem Braga

Contam-me que, durante as manifestações de protesto contra a morte do estudante no Calabouço, um oficial da Aeronáutica, passando casualmente em um carro oficial, foi hostilizado pelos estudantes e populares. Teve de fugir para não ser linchado. Estava fardado.

Não acredito que a gente da rua tenha confundido a farda da Aeronáutica com a da Polícia Militar. Aquê- le movimento irracional de hostilidade não foi contra esta ou aquela farda: foi contra A FARDA.

Não tenho nenhum prazer em dizer isso, mas é evidência, é chocante: no quarto aniversário de sua instauração, o poder militar conseguiu isto: impopularizar os militares. Sempre houve quem embirrasse com militares, mas o sentimento popular guardava um certo carinho respeitoso pelas forças armadas e via muitas vezes, no homem uniformizado, principalmente do Exército, um aliado e um protetor. Desde as antigas revoltas de tenentes contra a politicalha carcomida, e tanto quanto me lembro, a imagem do militar conservou um certo nimbo romântico, e entre os vultos que maiores esperanças acenderam no coração do povo deste país, estão Eduardo Gomes e Luís Carlos Prestes, ambos hoje melancolicamente recolhidos. Os que, no Brasil, defenderam as grandes causas nacionalistas, acostumaram-se a encontrar simpatia e apoio em figuras de militares. A eles devemos, em grande parte, a Volta Redonda e a Petrobrás. A força federal foi, não raro, a garantia do povo contra os desmandos de chefetes locais.

O que a Revolução nos trouxe foi a figura do militar como torturador, como lembrava, outro dia, na Câmara, pronunciando alguns nomes tristes, como Ibiapina e Cunha Melo, o deputado Márcio Moreira Alves. Quartéis do Exército serviram de câmaras de tortura, e a Marinha, com a sua sinistra Cenimar, não lhe ficou atrás. Vieram depois os inumeráveis coronéis dos IPMs, cheios de ódio e rancor, e aqueles oficiais da Auditoria de Juiz de Fora, alguns deles rapazolas ainda, a condenar todo mundo a dezenas de anos, com uma inconsciência feroz. E além desses poucos odiosos, os outros, estes, centenas, milhares, que invadiram toda a espécie de cargos civis, aboletaram-se risonhamente nas repartições e também na direção de centenas de empresas que, de algum modo, dependem da simpatia dos governos... Sabe-se que o poder corrompe e, se são raros, felizmente, os casos de corrupção desmandada e feroz, como o daquele oficial Vinhais, diretor do Serviço de Proteção aos Índios, a verdade é que etsyamos cansados de ouvir, aqui e ali, nos mais inesperados negócios, nomes de coronéis e generais que é preciso ajeitar ou agradar...

Não me alegro com isso. Alegro-me quando vejo, por exemplo, homens do Superior Tribunal Militar corrigir os desmandos de uma justiça apaixonada e caôlha; quando sinto, nos altos escalões das forças Armadas, e mesmo em raras manifestações de seu chefe supremo, uma certa compreensão, ou suspita, de que o Brasil não pode ser governado como um quartel, de que o interesse nacional não está em enquadrar este povo em gigantescos, monstruosos exercícios de ordem unida. De que sem debate, sem crítica, sem pesquisa, sem estudo, sem liberdade, sem muito esforço cerebral e muita compreensão e solidariedade emocional, este povo não pode se libertar de suas limitações e partir para o grande futuro que sonhou.

DN 2.4.68